



Vem Ter Comigo ao Lago

CARLEY
FORTUNE

TOP
SEL
LER

Mais um bestseller do *New York Times*
da autora de *Cada Verão Passado*

Agora

Conseguo chegar à receção sem ninguém reparar em mim. É uma obra impressionante, esculpida a partir de um enorme tronco — rústica, mas não foleira, o epítome da estética da minha mãe —, e não está ninguém atrás do balcão. Passo a correr até ao escritório, fecho-me lá dentro e tranco a porta.

O escritório assemelha-se mais à cabana de um pescador do que a um espaço de trabalho. Paredes em pinho, duas secretárias antigas, uma janela pequena com uma fina cortina axadrezada. Duvido que tenha mudado muito desde a construção da pousada, no século XIX. Não há nada que sugira a extensão de tempo que a minha mãe aqui passou, tirando uma fotografia minha, ainda bebé, pendurada na parede, e um ligeiro aroma a perfume *Clinique*.

Abato-me sobre uma das cadeiras de couro puído e ligo a ventoinha de plástico que está em cima da mesa. Já me sinto pegajosa, mas o ar está abafado aqui dentro. É um dos poucos pontos do edifício que não tem ar condicionado. Ergo os cotovelos como um espantalho e abano as mãos para trás e para a frente. A última coisa que quero são manchas de suor.

Enquanto espero que o corpo refresque antes de calçar os saltos altos, fixo o olhar numa pilha das nossas brochuras. *Resort Brookbanks*

— *O Seu Refúgio em Muskoka Espera Por Si*, anuncia uma letra divertida sobre uma imagem da praia ao pôr do sol, vendo-se a pousada ao fundo como se de uma mansão rural se tratasse. Quase me dá vontade de rir — eu não consegui refugiar-me *do Resort*.

Talvez o Jamie se esqueça do que combinámos fazer esta noite e eu possa entrar sorrateiramente em casa, enfiar umas calças confortáveis e afogar-me num balde de vinho branco fresquinho.

A maçaneta da porta chocalha.

Não tenho sorte nenhuma.

— Fernie? — chama o Jamie. — Porque é que tens a porta trancada? Estás decente?

— Dá-me cinco minutos — respondo, com a voz aflita.

— Não vais baldar-te, certo? Prometeste que fazias isto — implora ele. Mas a chamada de atenção é desnecessária. Todo o dia receei este momento. Talvez toda a minha vida.

— Eu sei, eu sei. Estou a tratar de uns documentos. — Fecho os olhos quando percebo que meti a pata na poça. — Estou quase a terminar.

— Quais documentos? A encomenda dos lençóis? Há um sistema para isso.

A minha mãe tinha um sistema para tudo e o Jamie não quer que eu interfira em nada.

Está preocupado. Apesar de estarmos na época alta, muitos dos quartos estão vagos. Regressei há seis semanas e o Jamie acha que é apenas uma questão de tempo até eu agitar as águas. Não sei se terá razão. Nem sequer sei se vou ficar.

— Não podes expulsar-me do meu escritório. Eu tenho a chave.

Murmuro um palavrão. Claro que tem.

Vai ser embaraçoso se ele tiver de me arrastar daqui para fora e eu tenho quase a certeza de que o fará. Não faço uma cena no *resort* desde o último ano do secundário e não vou começar agora. Por vezes, estar aqui faz-me sentir que regredi, mas já não sou uma adolescente irresponsável de 17 anos.

Respiro fundo, ponho-me de pé e passo as palmas das mãos na parte da frente do vestido demasiado justo. As calças de ganga rasgadas que costumo usar não são apropriadas para a sala de jantar. Quase ouvi a voz da minha mãe quando estava a trocar de roupa.

Sei que preferias estar todo o dia de pijama, mas temos de dar o exemplo, minha flor.

Abro a porta.

O Jamie cortou e domou os seus caracóis louros, mas continua com a cara de bebé de quando éramos miúdos e ele achava que usar desodorizante era opcional.

— É a encomenda dos lençóis? — pergunta ele.

— Claro que não — digo. — Tu tens um sistema.

O Jamie pestaneja, sem saber se estou a gozar. Há três anos que ele é o gerente do *resort* e eu ainda me espanto quando penso nisso. De calças vincadas e gravata, parece que está mascarado. Na minha cabeça continua a ser o mesmo entusiasta do lago, de calções de banho e bandana.

Ele também já não sabe o que pensar de mim — sente-se dividido entre tentar agradecer-me, a sua nova patroa, e tentar impedir-me de provocar o caos. Devia existir uma lei cósmica que proibisse os ex de trabalharem juntos.

— Dantes eras divertido — digo, e ele sorri. Nas suas profundas rugas de expressão e olhos da cor do céu, vejo o Jamie que, uma vez, cantou todo o álbum *Jagged Little Pill*, da Alanis Morissette, todo ganizado, com o cafetã roxo que gamara da cabana da Sra. Rose.

O facto de o Jamie gostar tanto de atenção como de não usar roupa interior era uma das coisas de que mais gostava nele. Ninguém olhava para mim quando o Jamie estava presente. Era um bom namorado e a distração perfeita.

— Tu também — diz ele, semicerrando os olhos. — Esse vestido era da tua mãe?

Aceno afirmativamente.

— Não me serve. — Tirei-o do roupeiro dela esta noite. Amarelo-canário. É um de, pelo menos, duas dezenas de vestidos sem mangas de cores garridas. O seu uniforme noturno. Há um momento de silêncio e é o suficiente para me fazer perder a coragem. — Ouve, não me sinto...

O Jamie interrompe-me.

— Nem penses. Não vais fazer-me uma coisa destas, Fernie. Tens andado a evitar os Hannovers toda a semana e eles vão-se embora amanhã.

Segundo o Jamie, os Hannovers passam férias no Brookbanks há sete verões, dão gorjeta como se tivessem algo a provar e mandam-nos muitos hóspedes. A avaliar pela forma como o apanhei a fazer má cara ao ecrã do computador, acho que o *resort* precisa mais desesperadamente de boa publicidade do que o Jamie deu a entender. O nosso contabilista deixou-me hoje outra mensagem a pedir que lhe ligasse.

— Já acabaram a sobremesa — diz o Jamie. — Disse-lhes que estavas a sair. Querem dar-te as condolências pessoalmente.

Passo as unhas algumas vezes pelo braço direito até me aperceber. Isto não devia ser tão difícil. Na minha vida real, sou gerente de três cafés alternativos chamados Filtr na zona oeste de Toronto. Estou a acompanhar a abertura do nosso quarto café, o maior até agora, que inclui um torrador de café, o que acontecerá este outono. Falar com clientes é natural para mim.

— Está bem — digo. — Desculpa. Eu consigo fazer isto.

O Jamie suspira.

— Fantástico. — Lançando-me um olhar pesaroso, acrescenta: — Seria ainda mais fantástico se passasses por algumas mesas para cumprimentar as pessoas. Sabes, continuar a tradição.

Eu sei. A minha mãe passava pelo restaurante todas as noites para garantir que determinada pessoa estava a gostar da truta-arco-íris, ou que outra determinada pessoa tinha dormido bem. Era uma loucura a quantidade de pormenores que ela sabia sobre os hóspedes,

e eles adoravam-na por isso. Dizia que ser um negócio de família não significava nada se as pessoas não associassem um rosto ao nome do *Resort* Brookbanks. E, durante três décadas, esse rosto foi o seu. Margaret Brookbanks.

O Jamie tem insinuado, de forma nada subtil, que eu devia ir à sala de jantar cumprimentar os hóspedes, mas tenho conseguido ignorá-lo. Porque, assim que eu for lá fora, torna-se oficial.

A minha mãe morreu.

E eu estou aqui.

De volta ao *resort*: o último sítio aonde imaginava vir parar.

Eu e o Jamie dirigimo-nos à receção. Continua sem ninguém. Estacamos ao mesmo tempo.

— Caramba, outra vez — murmura ele.

A rececionista que está de serviço esta noite começou há poucas semanas e tem tendência a desaparecer. A minha mãe já a teria despedido.

— Talvez devêssemos ficar na receção até ela voltar — digo. — Só no caso de aparecer alguém.

O Jamie ergue o olhar para o teto, considerando. Depois, olha para mim.

— Querias! Os Hannovers são mais importantes.

Continuamos em direção às portas envidraçadas que levam ao restaurante. Estão entreabertas. O tilintar da louça e um murmúrio de vozes animadas propagam-se até à receção, assim como o aroma do pão acabado de cozer. Lá dentro, veem-se tetos altos com as vigas expostas e as janelas com vista para o lago estão dispostas num impressionante semicírculo. Foi uma obra que a minha mãe fez depois de herdar o *resort* dos meus avós. A sala de jantar era o seu palco. Não consigo pensar nesta sala sem imaginar a minha mãe andando por entre as mesas.

Inspiro calmamente, prendo o cabelo louro-claro atrás das orelhas e ouço a sua voz na minha cabeça.

Não te escondas atrás do cabelo, minha flor.

Quando estamos prestes a cruzar a entrada, sai um casal de braço dado, ambos na casa dos 60 anos e envoltos quase totalmente em linho bege.

— Sr. e Sra. Hannover — diz o Jamie, com as mãos abertas ao lado do corpo. — Íamos mesmo agora ter convosco. Permitam que vos apresente a Fern Brookbanks.

Os Hannovers oferecem-me o seu sorriso mais amável, o equivalente facial à condescendente palmadinha no ombro.

— Lamentamos muito o falecimento da sua mãe — diz a Sra. Hannover.

O falecimento.

É uma palavra estranha para descrever o que aconteceu.

Uma noite escura. Um veado a atravessar o para-brisas. Metal esmagado contra o granito. Cubos de gelo espalhados pela estrada.

Tenho tentado não pensar nos últimos momentos da minha mãe. Tenho tentado não pensar nela sequer. A enxurrada diária de desgosto, choque e raiva tornam difícil levantar-me de manhã. Sinto-me um pouco instável neste momento, mas tento não o demonstrar. Passou mais de um mês desde o acidente e, embora as pessoas queiram manifestar a sua solidariedade, há limites para a tolerância do sofrimento nos outros.

— É difícil imaginar este local sem a Maggie — diz o Sr. Hannover. — Sempre com um grande sorriso no rosto. Gostávamos muito de conversar com ela. Chegámos a convencê-la a tomar uma bebida con-nosco no verão passado, não foi? — A esposa anui entusiasticamente, como se eu pudesse não acreditar neles. — Disse-lhe que vê-la a andar de um lado para o outro me fazia ficar tonto e, caramba, o que ela se riu.

A morte da minha mãe e o futuro do *resort* são dois assuntos que não me sinto preparada para discutir, sendo outra razão pela qual

tenho evitado o restaurante. Os clientes habituais terão algo a dizer sobre ambos.

Agradeço aos Hannovers e desvio o assunto para as suas férias — o ténis, o tempo magnífico, a nova represa dos castores. É fácil fazer conversa de circunstância. Tenho 32 anos: sou demasiado velha para me ressentir com os hóspedes ou para me preocupar com a sua opinião. É com ela que estou furiosa. Pensei que tivesse aceitado que a minha vida era em Toronto. O que lhe teria passado pela cabeça para me deixar o *resort*? O que lhe teria passado pela cabeça para morrer?

— Sentimos muito pela sua perda — repete a Sra. Hannover.
— É tão parecida com ela.

— É verdade — concordo. A mesma estatura baixa. O mesmo cabelo claro. Os mesmos olhos cinzentos.

— Bem, devem estar desejosos de subir ao quarto e aproveitarem a vossa última noite. Da vossa varanda terão uma excelente vista do fogo de artifício — diz o Jamie, vindo em meu auxílio. Mostro-lhe um sorriso grato e ele pisca-me o olho discretamente.

Também trabalhávamos bem em equipa quando éramos miúdos. Ao início, quando algum de nós precisava de ser salvo de algum hóspede chato ou demasiado carente, usávamos uma palavra secreta: *melancia*. O viúvo idoso que estava sempre a dizer o quanto eu lhe fazia lembrar o seu primeiro amor: *melancia*. O observador de pássaros que fazia ao Jamie descrições detalhadas de todas as espécies que vira na área: *melancia*. Mas depois de um verão em que estivemos todos os dias juntos na cabana de equipamento, a arrastar canoas e caiaques para fora do lago, começámos a comunicar silenciosamente, com discretos arregalar de olhos ou trejeitos dos lábios.

— Não foi assim tão mau, pois não? — diz ele, assim que o casal se dirige aos elevadores, mas eu não respondo.

O Jamie aponta para a entrada da sala de jantar. Muitas das pessoas que lá estão são hóspedes do *resort*, mas há também muitos habitantes locais. Com a minha sorte, alguém com quem andei no

secundário irá ver-me assim que eu lá puser os pés. O som do sangue ressoa-me nos tímpanos como um camião na autoestrada.

— Acho que não consigo fazer isto — digo. — Vou voltar para casa. Estou exausta.

Não é mentira. As insónias começaram assim que regresssei. Todos os dias acordo no quarto onde cresci, mal dormida e um pouco desorientada. Olho pela janela para o denso emaranhado de ramos das árvores, recordando onde estou e porque estou aqui. Nos primeiros dias enfiava a cabeça debaixo da almofada e voltava a dormir. Levantava-me perto do meio-dia e ia aos tropeções até ao andar de baixo, preenchendo o resto do dia com hidratos de carbono e episódios de *The Good Wife*.

Mas depois o Jamie começou a ligar-me com perguntas e a Whitney a aparecer várias vezes sem avisar para me dar sermões sobre o tempo que eu passava de pijama — o tipo de amor duro que apenas um melhor amigo pode dar —, por isso, comecei a vestir-me. Comecei a sair de casa, a visitar a pousada, a passear até à doca da família para dar um mergulho ou beber o meu café matinal, como a minha mãe costumava fazer. Cheguei a ir passear de caiaque algumas vezes. Sabe bem estar na água. É como se tivesse o mínimo de controlo, mesmo que se limite à condução de um pequeno barco.

De cada vez que abro as pálpebras, sou recebida por uma procissão de desgosto, raiva e pânico, mas agora passa calmamente, em vez de ressoar como uma fanfarra.

Ao longo das últimas semanas, o Jamie pôs-me pacientemente a par de tudo o que mudou nos muitos anos que passaram desde que trabalhei aqui pela última vez, mas o mais absurdo foi tudo o que não mudou. O pão. Os hóspedes. O facto de ele ainda me chamar Fernie.

Quando começámos a namorar, já nos conhecíamos há muito tempo. A casa dos Pringles fica mais a sul no lago, passando algumas baías. Os avós dele conheciam os meus avós e os pais dele continuam a vir todas as sextas-feiras ao restaurante comer *fish and chips*. Agora

que estão reformados, passam a maior parte do verão em Muskoka, regressando a Guelph em setembro. O Jamie vive numa casa arrendada na cidade, mas comprou o terreno baldio ao lado do da família para construir uma casa para o ano todo. Ele adora o lago mais do que tudo.

— Hoje é Dia do Canadá — diz o Jamie. — Seria importante para os hóspedes e os funcionários poderem ver-te. É o início do verão. Não estou a pedir-te que subas ao palco e faças um discurso antes do fogo de artifício. — Não precisa de acrescentar: *Como fazia a tua mãe*. — Vai só cumprimentar as pessoas. Engulo em seco e o Jamie agarra-me pelos ombros, olhando-me nos olhos. — Tu consegues fazer isto. Estás tão perto. Já estás aperaltada. Já lá estiveste um milhão de vezes. — Baixa a voz. — Já o fizemos ali, lembras-te? Na barraca 3.

Suspiro de irritação.

— Tinhas de saber qual era a barraca.

— Podia desenhar-te um mapa de todos os sítios que profanámos. Só na cabana de equipamento...

— Para. — Agora estou a rir-me, mas é um riso ligeiramente desesperado. Aqui estou eu com o meu ex-namorado, a falar dos sítios onde fizemos sexo no *resort* da minha mãe recentemente falecida. O Universo está a gozar comigo.

— Fernie, não tem importância. É só isso que estou a dizer.

Estou prestes a dizer ao Jamie que está equivocado, que tem importância, mas então vejo uma desculpa pelo canto do olho. Um homem muito alto aproxima-se da receção, que continua sem ninguém, puxando um trólei prateado.

Apesar de o *armário* estar de costas para nós, dá para perceber que o fato que usa é caro. De alfaiate, provavelmente. O tecido preto ajusta-se à sua figura daquela forma impecável que implica medidas precisas e um *plafond* generoso num cartão de crédito. Duvido que um tamanho pronto a vestir fosse suficientemente comprido para

os braços deste tipo, e os punhos são perfeitos. Assim como o seu cabelo, penteado para trás. Escuro e brilhante e tão meticulosamente estilizado como o seu casaco. Na realidade, está demasiado bem vestido. Este *resort* é magnífico, um dos melhores a leste de Muskoka, e os funcionários estão sempre bem-apegoados, mas os hóspedes costumam trajar de forma descontraída, especialmente no verão.

— Vou atendê-lo — digo ao Jamie. — Preciso de praticar o *check-in*. Anda, vem ver se não me engano.

Não há discussão. Não podemos simplesmente deixar o homem ali.

Assim que contornamos a receção, peço desculpa pelo tempo que ele teve de esperar.

— Bem-vindo ao *resort* Brookbanks — digo, erguendo rapidamente o olhar. Eu estou de saltos altos, e ele é quase trinta centímetros mais alto do que eu. — Teve dificuldade em encontrar-nos? — pergunto, tocando numa tecla para ativar o computador. O tipo alto ainda não disse nada. O último troço de estrada não está alcatroado, nem iluminado, e tem umas curvas complicadas pelo meio do mato. Às vezes, as pessoas que vêm da cidade acham stressante, especialmente quando chegam depois de o sol se pôr. Diria que ele vem de Toronto, embora possa ser de Montreal. Há um congresso de médicos a começar na semana que vem; alguns médicos vêm mais cedo para aproveitar o fim de semana prolongado.

— Não. — Ele passa a mão pela gravata. Não diz mais nada.

— Ótimo. — Digito a minha palavra-passe. — Veio para o congresso de Dermatologia? — Navego até ao menu principal e, ao perceber que ele não responde, aclaro a voz e tento novamente. — Fez reserva connosco?

— Fiz, sim. — Profere as palavras lentamente, como se verificasse possíveis erros.

Não faço ideia de qual será o seu problema. Normalmente, os homens que usam fatos assim parecem muito mais confiantes. Porém, quando olho para cima, vejo um rosto extremamente bonito,

esculpido e tenso. Tem uma idade próxima da minha e é-me estranhamente familiar. Tenho a certeza de que já vi esta cara. Qualquer coisa que ver com o nariz. Talvez seja um ator, embora as celebridades não costumem aparecer de fato e barba feita; pelo menos, antigamente não era assim.

— O seu nome?

Ele ergue as sobrancelhas perante a minha pergunta, como se esta o surpreendesse. Depois, reparo em quão escuros são os seus olhos, pretos como as asas de um corvo, e sinto uma reviravolta no estômago. A sua postura é irrepreensível. O meu coração acelera, palpitando-me na ponta dos dedos e na planta dos pés. Procuo imediatamente a cicatriz. E lá está ela: sob o lábio, do lado esquerdo do queixo, quase invisível para quem não saiba o que procurar. Nem acredito que ainda sabia onde estava.

Mas sei.

Conheço o seu rosto.

Sei que as suas íris não são realmente pretas. À luz do sol, são cor de café.

Sei como fez aquela cicatriz.

Porque, embora tenha tentado esquecê-lo, sei exatamente quem é este homem.

14 de junho, dez anos antes

Tínhamos apenas cinco minutos para chegar à estação e o elétrico ficou parado. Eu e a Whitney abrimos caminho desde a traseira do veículo, atravessando a densa massa de corpos e murmurando hesitantes pedidos de desculpa até chegarmos ao passeio aos tropeços e nos pormos a andar.

— Despacha-te, Whit — gritei sobre o ombro.

Chegarmos atrasadas não era uma opção. Nesse dia só havia um autocarro para norte e, embora nenhuma das duas o mencionasse, a Whitney e a sua desproporcional mala de viagem não podiam perdê-lo. Tínhamos passado três dias juntas no meu apartamento mínimo e a nossa amizade podia não sobreviver a mais um.

Enquanto caminhávamos pela Dundas Street com os ténis a bater no pavimento crivado de pastilhas elásticas, o sol ainda ia baixo no céu, cintilando entre os edifícios e refletindo-se nas torres envidraçadas. Se olhássemos para cima, o brilho era ofuscante, mas, ao nível da rua, o centro de Toronto estava envolto na sombra cinzento-azulada da manhã. O contraste era impressionante. A forma como a luz era refletida nas janelas fazia-me lembrar a minha casa, um pôr do sol a reluzir no lago.

Tinha vontade de parar para o mostrar à Whitney. Porém, não tínhamos um segundo a perder e, mesmo que tivéssemos, duvido

que ela achasse que o horizonte cintilante tivesse alguma coisa de mágico. Durante toda a sua estadia, tentara que visse Toronto através dos meus olhos e falhara redondamente.

Chegámos ao terminal dos autocarros com um minuto de atraso, mas havia uma longa fila de turistas com diferentes níveis de irritação ao lado do autocarro estacionado no Cais 9. Não havia sinais do motorista.

— Graças a Deus — respirei de alívio.

A Whitney curvou-se, pousando as mãos nos joelhos. Algumas madeixas do seu denso cabelo castanho tinham-se soltado do rabo de cavalo e colavam-se às suas bochechas coradas.

— Eu. Odeio. Correr.

Assim que recuperou o fôlego, confirmámos que tínhamos a informação correta das partidas e pusemo-nos no fim da fila. O terminal era basicamente uma enorme garagem — um sovaco escuro e húmido de Toronto. O ar cheirava a sanduíches das máquinas de venda automática, a vapor do gasóleo e a infelicidade.

Vi as horas no meu telemóvel. Já passava das dez. Ia chegar atrasada ao meu turno no café.

— Não precisas de esperar — disse a Whitney. — Eu fico bem.

Éramos melhores amigas desde a escola primária. Ela tinha um rosto redondo com uns grandes olhos cor de avelã e um pequeno nariz como um botão de rosa que, na maioria das circunstâncias, a fazia parecer enganosamente ingénua. Era querido que a Whitney estivesse a tentar parecer corajosa, embora se agarrasse à sua bolsa de nylon como se lha pudessem tirar caso se distraísse por um segundo.

Apesar de já ter 22 anos, a Whitney nunca estivera sozinha em Toronto, nem sequer durante dez minutos, e embora eu soubesse que não havia perigo, não ia abandoná-la num dos buracos mais lúgubres da cidade.

— Não há problema. Quero despedir-me de ti — disse-lhe.

— Pensa só — disse ela, baloiçando-se na ponta dos pés. — Em breve, não terei de fazer este caminho todo para nos vermos.

Não era uma viagem longa, apenas duas horas e meia de paisagem, mas enfim.

Esbocei um sorriso.

— Mal posso esperar.

— Eu sei que gostas disto. — Espreitou sobre o ombro. — Só que, às vezes, não percebo.

Eu tinha uma resposta sarcástica na ponta da língua.

As raras visitas da Whitney enquanto eu estava na universidade eram uma questão sensível. Não tinha a certeza se era pelo facto de a nossa relação não ter encontrado uma base sólida desde a nossa grande discussão por causa do meu «comportamento autodestrutivo» no último ano ou, simplesmente, pelo facto de ela não gostar da cidade. Contudo, em cada viagem, era evidente que preferia estar em Huntsville. Não recusava as minhas sugestões, mas também não se mostrava especialmente entusiasmada. Não era o estilo dela. A Whitney era o epíteto da pessoa que dizia *sim, e...* Para si, qualquer possibilidade de brincadeira e aventura era uma boa notícia.

— Honestamente, ficaria satisfeita só a comer pão e a passar tempo no teu apartamento nos próximos dois dias — dissera ela, à chegada.

Francamente, chateou-me. A minha estadia em Toronto estava a chegar ao fim e havia tantas coisas que ainda queria fazer. Era suposto a Whitney ser a minha parceira no crime. Em vez disso, senti que andava a arrastá-la de um lado para o outro.

— O que é que não percebes? — dizia eu agora, apontando o terminal com uma grandiosidade jocosa, enquanto um homem vomitava no chão do cais ao nosso lado.

A Whitney retraiu-se e depois olhou para o telemóvel.

— O Jamie está a enviar mensagens. Diz para te dar um beijo por ele. — Franzia o nariz ao ler as mensagens. — «Dá um beijo à Fernie

por mim. Língua permitida. Encorajada. Manda foto.» *Smiley* a piscar o olho.

Abanei a cabeça, resistindo a um sorriso que me curvava os lábios. O Jamie era como um *labradoodle* humano, uma esfregona de caracóis dourados, despreocupado e hedonista. Ouvir o seu nome fazia-me sentir um pouco mais leve.

— O meu namorado disse isso? Estou chocada.

— Ele está ansioso pelo teu regresso. Estamos todos.

Engoli em seco, reparando, com alívio, num homem de revelador uniforme azul-escuro dirigindo-se ao autocarro.

— Não se apresse — gritou-lhe um dos passageiros. — Nem estamos atrasados nem nada!

— Estou tão ansiosa por voltarmos a viver no mesmo sítio — continuou a Whitney.

Assenti, obrigando-me a dizer as palavras.

— Também eu.

Quatro anos a viver longe da minha melhor amiga e do meu namorado: devia andar a contar os segundos até estarmos juntos outra vez. Não via o Jamie desde a sua visita surpresa no Dia dos Namorados. Durante o inverno, trabalhara como instrutor de *snowboard* em Banff, mas estava de volta ao *resort* desde o fim de semana prolongado do Dia da Vitória, em maio. O meu último ano de faculdade já acabara — eu devia estar lá com ele. Devia ter feito as malas depois do último exame, em abril. Em vez disso, convenci a minha mãe a deixar-me ficar até ao final de junho para poder vadiar pela cidade até à recepção do diploma, dali a uma semana. Apelei à sua compreensão como empresária, dizendo que o meu patrão estava com dificuldade em encontrar um empregado para me substituir.

O autocarro deu sinal de vida e o motorista começou a atirar a bagagem para o interior. Enquanto os passageiros iam avançando e a fila diminuía, eu e a Whitney demos um longo abraço.

— Adoro-te, Baby — disse ela.

Crescer num *resort* estilo *Dança Comigo* implicava ter uma alcunha estilo *Dança Comigo*. «Baby». Odiava esta alcunha. Nem sequer fazia sentido — a Baby do filme era uma hóspede.

Pus-me em bicos de pés e enfiei-lhe o capuz na cabeça, puxando os cordões e apertando-o à volta do seu rosto.

— Também te adoro — disse-lhe. Pelo menos, isso não era mentira.

Assim que a Whitney arranhou lugar no autocarro, soprei-lhe um beijo e tirei os auscultadores do saco de pano. Carreguei no *play*, deixando que os Talking Heads abafassem o motor do autocarro e a contagem decrescente que se tornava cada vez mais audível.

Faltavam nove dias para regressar a casa.

Os meus auscultadores eram simultaneamente o meu terapeuta e o meu manto da invisibilidade. O Two Sugars ficava a poucos quarteirões do terminal, embora não suficientemente longe para que a música apagasse a culpa que sentia ou me fizesse esquecer o *resort* e as responsabilidades que me esperavam. Também o meu passado estava à minha espera em casa. A fábrica de boatos Escola Secundária de Huntsville fora outrora alimentada pelas intrigas da Fern Brookbanks. Tinham passado alguns anos, mas eu sabia que as pessoas ainda pensavam em mim como Aquela Rapariga, a que descarrilara. Com alguma sorte, o espaço estaria suficientemente movimentado para poder ligar o piloto automático assim que tirasse o décimo café.

Encaminhei-me para este, acotovelando a horda de turistas na praça Yonge-Dundas. Gostava da sua pirosice — o betão, os letreiros luminosos e os autocarros turísticos de dois andares —, mas adorava o facto de haver pessoas em todo o lado e que nenhuma delas estivesse a olhar para mim. Todos os dias, cem mil pessoas cruzavam a praça e, nessa loucura, eu era absolutamente anónima.

Dizia às pessoas que era de Huntsville, mas isto não era completamente verdade. O *resort* ficava nos arredores da cidade, nas margens rochosas do Smoke Lake. Frequentar a universidade em Toronto foi como ir viver para a Lua. Quem me dera poder explorar o espaço eternamente.

Pus a música mais alta, rodando os ombros para a frente e para trás ao sentir o sol bater-me no pescoço. Era suposto a temperatura chegar a máximos históricos. Toronto estava no seu melhor em junho. Os pátios e parques transbordavam com a alegria desenfreada do início do verão. Em junho, um dia de calor era uma dádiva. Em agosto, seria um fardo, deixando a cidade a tresandar a lixo azedo.

Vestira-me para o calor com um par de calções de ganga gastos e um top de alças por baixo de uma blusa de manga curta que encontrara na Value Village. Era solta e fina, com um padrão floral miudinho e elegante ao estilo da década de 1990; quase não se via a mancha amarela junto à bainha.

Havia uma fila de caixas de metal com jornais no exterior do Two Sugars. Antes de me dirigir à porta, peguei num exemplar do *The Grid*, o semanário alternativo gratuito de que mais gostava. A porta estava trancada. Confusa, puxei novamente a maçaneta e encostei o nariz ao vidro. Este café era o meu lugar preferido do mundo e estava vazio, tirando o Luis. Assim que ele abriu a porta senti o cheiro a tinta fresca lamber-me o nariz.

— Porque é que estamos fechados? — perguntei, entrando e tirando os auscultadores. Detive-me perante uma imagem a preto-e-branco que cobria uma das paredes. — O que é isto?

— O que é *isto*? — perguntou o Luis, apontando para a minha cabeça.

— Um corte.

Ele riu-se.

— Isso não é um corte. Cortaste o cabelo todo. — Sorriu. — Gosto.

Peguei numa das curtas madeixas de cabelo mais atrás; quase não conseguia agarrá-la entre os dedos. Tinha feito este corte a seguir ao meu último turno, antes de a Whitney chegar. Considerando que o meu cabelo normalmente me passava bem dos ombros, era uma grande mudança.

— Não me lembro de pedir a tua opinião, mas, obrigada — disse eu. — Afinal, o que é que se passa aqui?

— Não sabias do mural? — O Luis cruzou os braços sobre o impressionante peito. Tinham passado outros funcionários pelo Two Sugars, mas nós os dois trabalhávamos juntos há três anos.

— Népia.

— Bem, agora temos um mural. Ou quase.

Olhei em volta. O artista parecia não estar por perto.

— E eu e tu estamos a fazer de *babysitters*? — adivinhei.

— Um de nós está. Eu estive aqui nos últimos dias. — Tirou um pequeno chaveiro do bolso. — É a tua vez.

Fiquei a olhar para o Luis. Passar horas sozinha com um estranho qualquer, ter de fazer conversa... A ideia era quase mais repugnante do que falar em público.

— Não — disse eu.

— Sim — repetiu o Luis, cantarolando. — Eu vou à ilha. Vou encontrar-me com amigos no *ferry* dentro de meia hora.

Resmunguei um «Está bem» e peguei na chave, atirei as minhas coisas para cima da mesa e aproximei-me do mural.

— Então, onde está o nosso Miguel Ângelo?

— Foi buscar qualquer coisa para comer — disse o Luis. — Deve estar despachado ao início da tarde, depois podes bazar. Estamos fechados até amanhã.

Conseguiria sobreviver umas horas. Tinha um charro na mochila e planeava fumá-lo no beco quando estivesse despachada. Queria passear pela cidade e voltar à minha casa em Little Italy.

— Gostas? — perguntou o Luis.

Examinei o mural. O artista desenhara uma versão estilizada do horizonte da cidade e da orla costeira. Estava tudo um pouco distorcido: a Torre CN era pequena e estava presa entre as garras de um guaxinim. Ultimamente, Toronto parecia estar a apreciar-se mais e este tipo de orgulho urbano moderno aparecia em todo o lado: em t-shirts e cartazes, até no meu saco de pano, que tinha um mapa de Little Italy, com os nomes das ruas a formarem a rede do bairro.

— Não sei — disse eu. — Parece um bocado... básico?

— Au — disse uma voz grave atrás de nós.

Virei-me lentamente.

De jardineiras azuis largas de algodão, estava um tipo da minha idade com um saco de papel de *takeaway*. Era extraordinariamente alto e a sua postura fazia-o parecer ainda mais alto. O cabelo preto desgrenhado chegava-lhe um pouco abaixo das orelhas. O nariz era ligeiramente longo, mas ficava-lhe bem.

— Este é o nosso Miguel Ângelo — disse o Luis.

O queixo e as maçãs do rosto eram ossudos, quase pontiagudos. Eu não sabia para onde olhar, havia tanto para ver e era tudo tão... bom.

— Um Miguel Ângelo básico — corrigiu o tipo. Baixei o olhar. Era demasiado bonito para olhar diretamente para ele. Usava um par de botas de trabalho castanhas com atacadores cor-de-rosa néon. — Normalmente, chamam-me Will. — Ele estendeu a mão. — Will Baxter. — Contemplei-lhe a mão enorme e olhei-o nos olhos. Eram tão negros como uma maré negra. — E tu és? — perguntou o Will passado um instante, deixando cair o braço ao lado do corpo.

Lancei um olhar furioso ao Luis, irritada. Os tipos bonzões eram os piores. Convencidos, egocêntricos, chatos. Além disso, era alto. Bonzão e alto significava que era completamente insuportável. Aposto que a única coisa que afligia este tipo era encontrar calças que lhe servissem. O Luis fez um pequeno gesto como se dissesse: *Ele é fixe*.

— Fern. — O Will ergueu as sobrancelhas, à espera de mais.
— Brookbanks — disse-lhe, passando os dedos por trás da orelha para segurar o cabelo, mas não tinha cabelo suficiente para fixar.

— É pena que aches o meu trabalho básico, Fern Brookbanks — disse o Will com uma alegria exagerada —, porque acho que vais ter de me aturar o resto do dia.

Esbocei um sorriso forçado.

— Bem, meninos, vou bazar — disse o Luis. — Will, apesar da primeira impressão, a Fern não morde.

— Então?! — exclamei.

— Até segunda. — O Luis deu-me um beijo na bochecha e sussurrou-me ao ouvido: — Ele é um querido. Sê simpática.

Assim que o Luis saiu, tranquei a porta, sentindo o olhar do Will no meu rosto.

— O que foi?

— Diz-me porque não gostas.

Tirou um queque do saco de papel e removeu-lhe o invólucro. Senti o meu estômago fazer barulho. Para o pequeno-almoço especial de despedida da Whitney tinha feito as panquecas da minha mãe, mas já tinham passado horas. O Will partiu o queque ao meio e ofereceu-me um bocado.

— Obrigada — disse eu, enfiando-o na boca. Limão e arando.

Virámo-nos para a parede. Parecia acabada, menos o canto direito.

— O guaxinim está ótimo — disse eu. Ao ver que não respondia, olhei para ele. Era mais bonito a esta distância. As suas pestanas inferiores eram exageradamente curvadas, tão negras como o lago à meia-noite. Longas e delicadas, beijavam a pele sob os seus olhos, e o contraste com o seu equipamento de trabalho, descaído e salpicado, era estranhamente emocionante. Examinei novamente o mural.
— Não é horrível.

O seu riso surgiu de repente, estalando como um foguete. Soava a satisfação em forma acústica.

— Diz-me o que achas realmente.

— Não é o que teria escolhido. O espaço está tão diferente do que estava há seis meses. — O meu patrão decidira que o café devia «modernizar-se». As velhas cadeiras de cerejeira eram agora de plástico preto moldado. As paredes azul-turquesa tinham sido pintadas de branco. Já não havia pósteres de Renoir.

Caí no erro de voltar a olhar para o Will. A forma fascinada como me fitava deixava-me pouco à vontade.

— Não és grande fã de mudanças?

— Gostava de como estava antes. — Apontei para um canto junto à janela. — Tínhamos uma poltrona antiga de veludo cor de laranja ali, e uma série de livros de cozinha da Nigella Lawson. — Quase ninguém folheava os livros, mas a Nigella era a nossa cena. — Havia contatos de madeira penduradas ali. — Gesticulei na direção da entrada para a cozinha.

Na parede que servia de tela ao Will costumava estar pendurado um enorme quadro de cortiça, por cima do balcão do leite e do açúcar, onde as pessoas afixavam avisos de aulas de piano, ligações perdidas, grupos de tricô; todo o tipo de coisas, na verdade. No ano passado, um dos nossos clientes habituais pediu o namorado em casamento, afixando uma folha de papel com a inscrição: *Amo-te, Sean. Queres casar comigo?* Cortara-lhe tiras verticais na parte de baixo, todas com a mesma resposta: *Sim*.

— Costumava ser acolhedor. Agora, é como se fosse um sítio completamente diferente — disse eu. — É tão... austero.

— Percebo o que queres dizer — disse o Will, sacudindo as migalhas do queque dos bolsos do peito. Tinha um anel de sinete de ouro liso no dedo mindinho. — Sempre que volto a Toronto, vejo que mudou um pouco. Às vezes, mais do que um pouco.

— Não vives em Toronto?

— Em Vancouver — disse ele. — Mas cresci aqui. E sim, está sempre a evoluir. Mas eu não me importo. — Afastou uma melena de

cabelo do rosto. — Sempre que venho a casa, é como voltar a conhecer a cidade.

— Que romântico — disse eu, inexpressiva. Porém, as suas palavras atingiram-me a corrente sanguínea como uma injeção de café.

Agora

Fico espedada a olhar para o Will do outro lado do balcão da recepção, com os dedos a pairar sobre o teclado e a garganta seca. O seu olhar fixa o meu. Ainda não me disse o seu nome e o Jamie já está de olho em nós, baloiçando a cabeça de um lado para o outro, como um cachorro a escolher entre dois brinquedos para roer.

Da última vez que nos vimos, eu e o Will tínhamos 22 anos. Ele não se parece de todo com o que achei que viria a ser. Pergunto-me se estará a pensar o mesmo sobre mim. Porque também deve saber quem eu sou. Deve saber que este *resort* Brookbanks é o *meu resort* Brookbanks.

— Preciso só do seu nome para verificar a reserva — diz o Jamie, afastando-me do caminho, enquanto eu e o Will estamos a olhar um para o outro. Os seus olhos comprimem-se nos cantos. Não tem a certeza se o reconheci.

Mas é claro que sim, mesmo que este Will Baxter seja muito diferente do Will Baxter que conheci. Todo ele continua a ser traços longos e arestas afiadas, embora o fato esteja a baralhar-me. Assim como o cabelo, penteado para trás desde a testa e fortalecido com gel. Continua a estar em forma, mas agora há nele uma certa robustez.

É o fato, o cabelo e o corpo, mais os dez anos que passaram desde a última vez que o vi.

Embora inesperados, o vestuário feito à medida e o corte de cabelo de duzentos dólares ficam-lhe bem. A sua graciosidade.

— Will Baxter — diz ele, fixando o olhar em mim enquanto desliza o cartão de crédito e o bilhete de identidade sobre o balcão.

Passei apenas um dia com o Will e a minha vida mudou. Cheguei a pensar que ele podia ser a minha alma gémea. Cheguei a pensar que eu e ele estaríamos aqui em circunstâncias muito diferentes. Cheguei a pensar muitas coisas sobre o Will.

E desperdicei demasiado da minha vida adulta a pensar no que seria feito dele.

Consegui impedir que o meu queixo batesse na alcatifa *bordeaux*, mas não consigo controlar a minha respiração. A porcaria deste vestido da minha mãe está tão apertado que consigo ver o peito a subir e a descer. O Will também repara. Ele baixa o olhar por um instante e, quando volta a olhar para mim, sustém a respiração.

— Sr. Baxter, vejo que tem reserva num dos chalés este ano — diz o Jamie.

Mal consigo ouvi-lo.

O Will também não deve estar a prestar atenção, porque não responde. Em vez disso, baixa a cabeça.

— Fern. — A voz do Will é grave e o meu nome sai espesso, como se estivesse preso no alcatrão.

Não sei bem o que fazer nesta situação. Não sei o que será mais prudente. Fingir que não me lembro dele protege-me mais, mas não sou muito boa atriz. Nunca percebi bem se seria descabido lembrar-me tão nitidamente das vinte e quatro horas que passei com o Will ou se seria absurdo não me lembrar. Arranho a pele do antebraço e o Will repara nos arranhões. Pouso as palmas das mãos sobre o balcão da receção, sentindo-me irritada por ele ter este efeito em mim.

— Estás aqui. — Diz ele, como se não tivesse acabado de juntar as duas palavras mais irónicas da língua inglesa.

Estou aqui? Estou aqui? Apetece-me gritar. Quero perguntar-lhe onde raio esteve ele. A ideia de nos encontrarmos no *resort* fora dele. Eu apareci. Ele está nove anos atrasado.

Abro os lábios, mas volto a fechá-los. Abro-os novamente, mas não sai nada.

— Estás bem? — sussurra o Jamie ao meu ouvido e eu abano a cabeça.

Melancia, articulo silenciosamente, na esperança de que ele se lembre.

— Sr. Baxter — diz o Jamie, esfregando as mãos. — Infelizmente, a menina Brookbanks terminou o seu turno esta noite. Mas terei muito prazer em instalá-lo.

Sem olhar o Will nos olhos, aceno com a cabeça e dou à volta à receção.

— Vejo que está instalado no Chalé 20 — diz o Jamie.

Merda. Merda. Merda. Merda.

Começo a andar na direção da porta principal, de cabeça baixa. Mesmo antes de conseguir escapar, ouço o Will chamar o meu nome e desato a correr.

Fugir do Will Baxter é cansativo. Eu sei, porque passei nove anos a fazê-lo. Era suposto ter-me afastado dele, fugindo por entre uma espécie de nevoeiro mágico e floresta encantada até à terra do esquecimento. Fugi da sensação do seu dedo entrelaçado no meu e do meu sofrimento, que costumava arder violentamente, como uma lança espetada no esterno. Com o tempo, passou a ser uma dor surda. Mas esta noite não há escapatória.

Lanço-me pelos degraus de laje em frente à pousada. Assim que chego ao caminho da entrada, os meus saltos altos enfiam-se na

gravilha e eu tropeço. Mudo o peso para a ponta dos pés, mas apenas consigo avançar uns centímetros de cada vez. Deixei as minhas *Birkenstock* no escritório. Praguejando, descalço os sapatos e cerro os dentes à dureza das pedras. Vivi na cidade demasiado tempo. Eu e a Whitney costumávamos andar descalças pela propriedade durante todo o verão.

Consigno dar mais três passos até ouvir um passo apressado a descer as escadas atrás de mim.

— Fern. Espera.

Mas eu não espero. Acelero, tropeço e estatelome no chão. A humilhação atinge-me antes do ardor nas palmas das mãos e nos joelhos.

— Estás bem? — pergunta o Will, junto a mim.

Amaldiçoo o dia em que ele nasceu. Amaldiçoo as pessoas que se amaram nove meses antes disso. Dedico-me a uma série de maldições enquanto estou para ali estendida. Encosto a testa ao chão e enfio os dedos por entre as pedras. Talvez consiga escavar um buraco para fora daqui.

— Vou ajudar-te a levantar, está bem?

Antes que eu possa dizer que não, não está bem, que nada nesta situação está bem, o Will pega-me pelos braços e põe-me em pé.

Tento ganhar tempo, sacudindo bocados de terra e de pedras, e o Will agacha-se para inspecionar os danos. A sua cabeça está a poucos centímetros da minha, tão perto que consigo cheirar a sua água-de-colónia, fumo, cabedal e qualquer coisa doce, como caramelo queimado. Mantenho a atenção focada nas minhas pernas.

— Parece doloroso — diz ele, passando o dedo ao lado de uma área ensanguentada que está a começar a inchar. Sinto-me demasiado atordoada para fazer outra coisa senão ficar a olhar.

— Está tudo bem — digo, de repente. Quando arrisco olhar para ele, ele está a olhar para mim por entre a orla negra das suas pestanas.

— És tu — diz ele. Não parece surpreendido por me ver.

Endireito-me, e o Will faz o mesmo, esticando-se à sua altura máxima.

Olho para a sua gravata. Uma vez disse-me que jamais usaria gravata. Pergunto-me que outras partes do plano decidiu ignorar.

— Estás bem? — pergunta ele. — Queres sentar-te? — Gesticula na direção de um banco de madeira com vista para o lago, embora esteja demasiado escuro para ver a margem oposta. O ar cheira a relva acabada de cortar, a petúnias e a pinheiros; os relvados e jardins bem cuidados ao redor da pousada confundem-se com a vegetação mais próxima. Percorro as docas com o olhar, vejo os bombeiros locais, que se preparam para o espetáculo de fogo de artifício desta noite, e engulo em seco.

Abano a cabeça, sentindo-a a andar à roda. Há milhares de coisas que queria dizer ao Will, mas parece que sou incapaz de escolher uma delas.

— Lembras-te de mim, certo? — Ele coça o pescoço, pronunciando as palavras como se estivesse na corda bamba. Em quatro passos cautelosos.

Se me lembro dele? A pergunta é tão ridícula que chega a ser engraçada. Foi a minha mãe quem me salvou a vida, mas foi o Will quem me ajudou a perceber como sobreviver sozinha.

Com uma expressão cautelosa, ele apanha os meus sapatos do chão e aproxima-se para mos entregar. O movimento sobressalta-me. Há hóspedes por todo o lado, deitados em cobertores sobre a relva, estendidos em espreguiçadeiras na praia, aguardando o início do fogo de artifício, mas eu não quero saber.

— Eu lembro-me de ti — digo. A luz do candeeiro acaricia-lhe a parte superior do rosto, trazendo-me à memória a sua imagem naquela noite, com a luz das velas cintilando-lhe no rosto. — E gostava de saber o que estás a fazer aqui. — Ele pestaneja perante o meu tom, ainda com os sapatos na mão. — No *meu resort* — acrescento, arrancando-lhe os saltos altos da mão. — Enganaste-te na data?

— Não. Eu...

— Não me digas que isto é uma coincidência — digo.

— Não sabes? — Ele parece confuso. — Estou aqui para ajudar — diz, baixando a voz.

— De que é que estás a falar?

— A tua mãe não te disse? Ela contratou-me como consultor empresarial.

O meu pescoço retrai-se como uma físga.

— A minha mãe? Como é que conheces a minha mãe? — digo, com a voz sibilante e fechando os olhos. Por um momento, esqueci-me de que ela morreu.

— Conheci-a aqui no verão passado — diz o Will. — Pensei que te tivesse dito. Pensei que fosse por isso que estavas aqui. Ela pediu-me ajuda com o planeamento estratégico e ideias para...

Agito os sapatos para o fazer parar. Estou absolutamente confusa. Não consigo conceber a improbabilidade de a minha mãe contratar um consultor ou sequer a ideia ainda mais bizarra de essa pessoa ser o Will. O Will, que está aqui. O Will, que esteve cá no verão passado. O Will, que conhecia a minha mãe. O Will, que pensava que eu sabia que ele viria. O Will, que, apesar de tudo isto, nunca me contactou. É demasiado.

Respiro fundo para conseguir lidar com o mais importante.

— Will — digo, e o seu nome sabe a estragado na minha língua. — A minha mãe morreu.

— O quê? Não. Falei com ela... há pouco tempo — murmura, mais para si do que para mim.

— Teve um acidente de carro. Em maio. — Faço uma lista dos factos como se arrancasse um penso rápido, de forma desapaixonada e com o mínimo de atenção possível ao seu significado. Explico que a máquina de gelo do restaurante se avariou a meio do serviço de jantar e que os empregados estavam a desenrascar-se com uma máquina de um dos andares dos quartos. Quando alguém se queixou do barulho

constante, a minha mãe decidiu ir à cidade encher a bagageira de gelo. Estava escuro e duvido que ela tenha visto o veado até este lhe atravessar o para-brisas.

A forma como ela insistiu em fazer uma tarefa que podia facilmente ter delegado a outra pessoa deixa-me irracionalmente zangada. No fim, foi a sua dedicação que a matou.

O Will passa a palma da mão pela cara. Empalideceu.

— E tu, estás bem? Claro que não estás bem — diz, respondendo à sua própria pergunta. — Não sabias mesmo que eu vinha. Estás aqui porque perdeste a tua mãe.

Estendo as mãos, com as palmas para cima. Trata-se de um gesto de estupefação, não de exibicionismo.

— Agora sou dona deste sítio. Herdei-o.

O Will olha para mim e eu desvio o olhar. As semanas a acordar a meio da noite e a revirar-me na cama durante horas estão a voltar, sinto nos ossos o cansaço a voltar à superfície.

— Fern — diz ele, de voz baixa e delicada, rodando o anel no dedo mindinho. Tinha-me esquecido deste gesto. — Lamento muito.

As suas palavras batem contra o meu peito como a lâmina romba de um machado. Não é isto que eu quero que ele lamente. O meu lábio inferior começa a tremer.

Ele tenta tocar-me no braço e eu afasto-me bruscamente.

— Não faças isso.

— Fernie? — chama o Jamie do cimo das escadas. — Estás bem?

— Estou ótima — digo, afastando-me para deixar passar um grupo que se dirige à pousada.

O Jamie deseja uma boa noite aos hóspedes e menciona a excelência dos pastéis de caranguejo antes de descer as escadas duas a duas para vir ao nosso encontro. Não é tão alto como o Will, mas sempre se sentiu extremamente confortável no seu corpo. Mexe-se como se fosse um gigante.

— Esqueceu-se da chave, Sr. Baxter — diz ele, de olhos semicerrados, dando-a ao Will. — E da mala, mas já mandei entregá-la no seu chalé.

Ao receber o cartão magnético, o Will faz-se mais alto.

— Muito obrigado.

— Então, vocês conhecem-se? — pergunta o Jamie, olhando para os dois.

— Não — respondo, ao mesmo tempo que o Will responde «Sim».

O Jamie olha para as minhas pernas.

— Há um estojo de primeiros socorros no escritório. Deixa-me limpar-te isso.

— Não te preocupes — digo. — A sério, Jamie, eu estou bem.

Vejo o preciso momento em que o Will reconhece o nome, pois pisca os olhos duas vezes e o choque aflora-lhe ao rosto como a subida da maré.

O Jamie agacha-se à minha frente, examinando a ferida. Olho subitamente para o Will. Um reflexo. Mas ele está a olhar para o Jamie, mantendo os punhos cerrados ao lado do corpo.

— Tens a certeza de que estás bem, Fernie? — pergunta o Jamie, olhando para mim. — Isto está com mau aspeto.

Encontro-me entre o Jamie Pringle e o Will Baxter, descalça e com os joelhos esfolados, menos de dois meses depois da morte da minha mãe.

— Hum-hum — respondo.

— Não acredito. Tu vens comigo — diz o Jamie, levantando-se.

— Nada me passa ao lado, Fernie — diz-me ele ao ouvido, mas estou certa de que o Will consegue ouvir.

Não devia sentir-me culpada, mas sinto. Detesto sentir-me culpada.

— Deixo-vos, então — diz o Will, aclarando a voz. — Lamento, Fern. — Lança-me um olhar demorado. Penso que vai dizer mais alguma coisa, mas segue o seu caminho.

O primeiro fogo de artifício estala no ar com um estrondo e um silvo, iluminando as copas das árvores. Porém, eu não olho para cima. Fico a olhar para o Will, a afastar-se de mim, como há dez anos.

Tu e eu daqui a um ano, Fern Brookbanks. Não me desiludas.

Fora a última coisa que ele dissera.

14 de junho, dez anos antes

Os rapazes andavam sempre curvados. Encostados às ombreiras das portas e debruçados sobre as mesas dos cafés. O Jamie usava-me muitas vezes como ponto de repouso, apoiando o cotovelo no meu ombro. O Will era muito mais vertical.

Desenhava o contorno da asa de um avião sobre o horizonte enquanto eu fingia ler o *The Grid*. O meu caderno estava aberto sobre a mesa, mostrando a lista de coisas que eu queria fazer, ver, comer e beber antes de voltar para casa dali a pouco mais de uma semana. Entre as aulas, os trabalhos de casa e os turnos, não aproveitara ao máximo o facto de viver na maior cidade do Canadá. Esperava encontrar algumas ideias baratas na edição dessa semana para acrescentar à minha lista de desejos, só que, em vez disso, estava espedada a olhar para as enormes costas do Will e a firmeza com que ele agarrava no pincel. Sobretudo, estava impressionada com a verticalidade da sua postura. Decididamente, nada curvado.

— Consigo sentir-te a julgar-me — disse o Will. — É ensurdecador. — Olhou-me sobre o ombro, o cabelo tombado sobre os olhos, os lábios enviesados. — Queres pôr música para abafar o ruído?

ELES PROMETERAM ENCONTRAR-SE PASSADO UM ANO. ELA TEVE DE ESPERAR OUTROS NOVE.

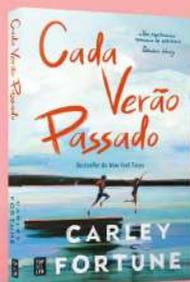
Fern Brookbanks passou grande parte da sua vida adulta a pensar em Will Baxter, o jovem idealista com quem partilhara um dia inesquecível em Toronto dez anos antes. Embora a ligação emocional entre eles tenha sido imediata, a altura não era a certa e os dois seguiram o seu caminho, prometendo reencontrar-se um ano depois. Fern compareceu ao encontro. Will não.

Aos 32 anos, a vida de Fern não é nada do que ela imaginava. Apesar de ter jurado a si própria que nunca o faria, é agora a principal responsável pelo *resort* à beira do lago que herdou da mãe e que é gerido pelo seu ex-namorado. Mas embora se trate de um local idílico, a verdade é que o negócio já viu melhores dias, e cabe a Fern resolver os problemas financeiros que o estão a colocar em risco.

Sem saber o que fazer para salvar o *resort*, Fern é surpreendida pelo regresso de Will, que, nove anos depois do encontro falhado, aparece à sua porta para lhe oferecer ajuda. Mas será ela capaz de confiar neste homem elegante que já em nada se assemelha ao jovem artista que ela conheceu em tempos?

Will parece estar a esconder qualquer coisa, mas quererá Fern saber do que se trata?

Da
mesma
autora:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897871504



9 789897 871504 >